

O AUDIOVISUAL COMO MEDIADOR DE SOCIABILIDADE E AFETIVIDADE NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS-AL

AUDIOVISUAL AS A MEDIATOR OF SOCIABILITY AND AFFECTIVITY IN QUILOMBOLA COMMUNITIES IN THE STATE OF ALAGOAS

Lara Lavínia Farias Rocha¹; Cláudio Jorge Gomes de Moraes²; Érica Maria Carvalho de Oliveira³; Letícia Melo Reis⁴; Luiz Eduardo Oliveira Lima Neto⁵

¹ Graduanda do curso de Psicologia, do Centro Universitário CESMAC

² Docente do curso de Psicologia, do Centro Universitário CESMAC

³ Graduada em Pedagogia, pelo Centro Universitário CESMAC

⁴ Graduanda do curso de Psicologia, do Centro Universitário CESMAC

⁵ Graduando do curso de Psicologia, do Centro Universitário CESMAC

RESUMO

O artigo trata sobre um Projeto de Extensão Voluntária do Centro Universitário CESMAC, em que se trata questões que permeiam o contexto das comunidades quilombolas do estado de Alagoas, com foco na comunidade quilombola de Santa Luzia do Norte, localizada próximo ao município de Maceió. Como também, possui reflexões acerca dos processos que atravessam o campo acadêmico, buscando unir os conhecimentos científicos aos saberes populares. Buscando o envolvimento do processo histórico da comunidade e sua memória, tendo como um dos objetivos, a produção de meios que englobam o audiovisual. Além da pesquisa acerca da importância da sociabilidade e afetividade dentro do contexto da extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual. Sociabilidade. Afetividade. Comunidades quilombolas.

ABSTRACT

The article deals with a Voluntary Extension Project at the CESMAC University Center, which addresses issues that permeate the context of quilombola communities in the state of Alagoas, with a focus on the quilombola community of Santa Luzia do Norte, located near the city of Maceió. It also reflects on the processes that cross the academic field, seeking to unite scientific knowledge with popular knowledge. It seeks to involve the community's historical process and its memory, with one of the objectives being the production of audiovisual media. In addition to research into the importance of sociability and affectivity within the context of extension.

KEYWORDS: Audiovisual. Sociability. Affectivity. Quilombola communities.

INTRODUÇÃO

Atualmente, entende-se que a origem do termo quilombo (kilombo - quimbundo) sofreu uma mudança de conceito a partir da vivência brasileira. De forma etimológica, significa

acampamento guerreiro na floresta, sendo originária dos povos bantus, que possuem localização na região de Angola (Silva, 2018, p. 2). Os escravizados fugidos dos engenhos abriam clareiras nas matas e lá edificavam os “mocambos”, palavra de origem africana que os portugueses passaram a utilizar para designar as aldeias constituídas pelos escravizados rebeldes. Esse conjunto de mocambos aldeados formava o quilombo, palavra que significa “povoação”. (CARVALHO, 2016). O povoado singular da história colonial do Brasil foi o Cerca Real dos Macacos, localizado atualmente na cidade de União dos Palmares nas Alagoas. Segundo os historiadores, o Quilombo de Palmares funcionava como uma espécie de federação e o governo como uma monarquia chefiada por Ganga Zumba e depois Zumbi e Dandara dos Palmares.

O período colonial do Brasil permanece na estrutura da sociedade a partir das relações de desigualdades entre os quilombolas. Há um contexto social que permanece nas comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro ainda hoje. Em uma estrutura histórica, os quilombolas construíram inúmeras formas de resistência social, cultural, econômica e espiritual. (MOURA, 1983).

Já no Brasil, o quilombo passa a ter, em 1740, sua nova conotação, sendo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (Silva apud Almeida, 2018, p.2). Um exemplo clássico foi o quilombo palmariano. Apresentou uma estrutura agrícola organizada abastecendo os mocambos com excedentes. Era uma verdadeira forma de sociabilidade humana e social. Existia na concepção dos quilombolas um repúdio a estrutura latifundiária do poder colonial. Pregavam o uso social da terra num momento que prevalecia o latifúndio colonial escravagista. Tal sistema de produção sobreviveu aproximadamente 100 anos de resistência.

No desenvolvimento histórico, o conceito de quilombo recebeu novos significados, passando também a ser entendido como território negro. O quilombo também está relacionado a uma perspectiva comunitária de um sujeito coletivo ou grupo social. Atualmente, encontra-se vários quilombos no Brasil. Uma parte de pesquisadores que compreendem que os quilombos são comunidades mediadas pela historicidade, territorialidade e ancestralidade (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

Nos dias de hoje, para além do conceito de quilombo, existe também, o conceito de quilombar, quando é referenciado a um ato de resistência, sendo um “mecanismo de defesa na luta pelo direito à vida, à liberdade” (Suav e Mesquita, 2023). Possui também importância o artigo 68/ADCT/CF1988, que afirma “Aos remanescentes das Comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”, para, também, a garantia do direito às terras pertencidas às comunidades que, por muito tempo, não as pertenciam legalmente.

A relevância do conceito de ‘afetividade’ é seguida a partir do caminho da união dos dois cursos que envolvem o projeto, o curso de Pedagogia e de Psicologia. Primordialmente, o curso de Pedagogia é conhecido, de forma geral, como sendo exclusivamente atrelado à escola enquanto espaço, porém, o que muitos não sabem, é que o profissional da Pedagogia pode ir além dos espaços escolares tradicionais. Compreendendo o conceito de Pedagogia Social,

quando se faz necessário que ocorra o atravessamento dos muros da escola, com objetivo de passar pela sociedade como um todo, atuando não só no ambiente escolar, mas também em outros locais, visando a contribuição para formação do ser humano e seu desenvolvimento crítico e social, além de atrelar a educação com a comunidade, impulsionando sua participação juntamente com suas experiências e saberes próprios (Carvalho et al., 2019, p.4).

Diante do contexto do curso de Psicologia, encontra-se uma observação acerca da importância da saúde mental, principalmente, se tratando de comunidades que são socialmente marginalizadas, mas, também, uma consideração acerca da dimensão que cerca a afetividade. De um lado, uma conjuntura que se diz quase como contrária aos sentimentos e emoções que constroem-se nos seres humanos, sempre buscando a repressão do indivíduo enquanto sujeito que ‘sente’, e do outro, teóricos que visam a afetividade como ciência e saber cotidiano, como citado por Pinto (2005, p. 3),

“por um outro lado, sugere-se que é possível incorporar na Psicologia o estudo da dimensão afetiva, sem que com isso haja a perda do seu *status* de ciência. Entende-se, portanto, que ao organizar psiquicamente as mais variadas experiências do dia-a-dia, o ser humano utiliza a afetividade na solução de uma situação-conflitiva”

É válida a consideração de que, da mesma forma que o sujeito pode ser racional, também pode ser afetivo, isto é, limitando o conceito de ‘afetividade’ não à de ‘afetar’, mas de ‘ser afetado’.

METODOLOGIA

A metodologia participativa foi escolhida, principalmente, entendendo que, seria permitido “a participação do público, juntamente com os membros da equipe universitária, de forma ativa, como coautores no processo, ao contribuírem com seus próprios saberes, opiniões e práticas” (UNESP, 2017, p. 11). Dessa forma, concluiu-se que o projeto seria construído por meio de uma troca dialógica: através das conversas, e, durante o processo dos encontros e intervenções, a metodologia iria sendo composta, de tal maneira que os participantes da comunidade que viriam à participar, também se sentissem livres para poder pontuar questões, posicionamentos ou até mesmo pensamentos que poderiam ter acerca do tema tratado no projeto.

É de extrema importância caracterizar a metodologia escolhida para além de termos concretos do meio acadêmico: sabe-se que, ao trabalhar com pessoas que não estão inseridas nesse mesmo ambiente, algumas questões precisam ser pensadas. Entre elas, está a necessidade de que a interação seja feita por expressões cotidianas e acessíveis, para que o diálogo seja inclusivo com todos os participantes do projeto, não só os que estão diretamente ligados à universidade.

Dentro do campo metodológico, foram escolhidos alguns processos práticos. O

primeiro, constitui-se em rodas de conversas com os estudantes, onde serão refletidos artigos e livros que façam parte do tema do projeto, dos quais serão enviados antes das reuniões para leitura, e no momento das reuniões, serão realizadas discussões sobre o que foi lido.

Depois desse período de diálogos acerca dos artigos e livros lidos, serão pensadas as datas para o início dos encontros entre os estudantes e a comunidade quilombola de Santa Luzia do Norte, localizada entre vinte e cinco a trinta e cinco minutos de distância do município de Maceió, no estado de Alagoas.

O primeiro encontro junto à comunidade terá caráter exploratório. Os estudantes poderão conhecer o território da comunidade e, a partir do conhecimento, poderão, também, dialogar com os participantes da comunidade que se dispuseram a conversar.

A depender dos outros elementos externos que se relacionam, como transporte, questões que envolvem o calendário acadêmico, entre outros, irão ser marcados os próximos encontros. Um dos objetivos do projeto, além desses citados acima, é realizar oficinas que envolvam literatura, arte e audiovisual dentro da comunidade.

Essas oficinas podem ser adaptadas à conjuntura geral, assim como o cronograma do projeto. Também deve ser salientado que existem fatores que atravessam o senso acadêmico, e, por isso, existe a dimensão do processo de adaptação, para que possa ser coerente à todos envolvidos.

Ademais, os estudantes que participam, poderão fazer uso de ferramentas que envolvem o audiovisual, tais como câmeras ou celulares. De modo que seja respeitoso e tenha autorização de todos os indivíduos envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do projeto começam antes da primeira ida à comunidade. Dentro do contexto acadêmico, por meio de rodas de conversa, foram apresentados alguns artigos, entre eles “A pirâmide Invertida - Historiografia Africana feita por Africanos”, de Carlos Lopes e “Pierre Nora e o ofício do historiador” (Figura 1).



Fig. 1. Reunião para debate do artigo escolhido.

Por meio do diálogo, foram tratados tópicos conhecidos e desconhecidos pelos alunos envolvidos. Existe uma divergência, algumas vezes, entre os saberes do senso comum e os mesmos quando abordados no meio acadêmico. Do mesmo modo, deve ser refletida a diferença entre senso comum e os saberes populares, sendo o primeiro uma forma de conhecimento cotidiano, que, geralmente, é rasa, e o segundo uma variável empírica, que se baseia no ato de ‘fazer’, sendo passados por meio de gerações, englobando linguagens, como a oral, de gestos e também atitudes (Flôr e Xavier *apud* Gondim, 2015, p. 3).

A partir dessa compreensão, encontra-se uma necessidade de ressaltar acerca da superioridade dos conhecimentos científicos, como se apenas eles fossem, de fato, considerados uma instância máxima de conhecimento e, encarados até mesmo como uma ‘verdade absoluta’. Esse tipo de compreensão foi bastante discutida no período das rodas de conversa para que os estudantes pudessem atentar-se à forma como observavam a comunidade quilombola, pois, dentro do conjunto de ‘fazer-se’ projeto, a troca de conhecimentos é igualitária: todos têm algo a passar e algo a aprender (Borghi e Porto, 2019, p. 2).

A primeira ida à comunidade quilombola de Santa Luzia do Norte foi marcada pelo encontro dos estudantes com a líder da comunidade, Tota, que apresentou o território que engloba a comunidade e conversou sobre questões características da mesma. Dentre o que foi debatido, destacam-se alguns tópicos.

O primeiro deles é o reconhecimento de Tota enquanto líder da comunidade. Marcando, principalmente, a percepção de que ela, enquanto passava pelas casas, apresentava as pessoas que moravam por lá e, ao mesmo tempo, ela abraçava a comunidade, de forma literal e, também, subjetiva. Liliane Rocha escreveu uma matéria “A solidão da mulher negra é sobre pertencimento e identidade”, publicada pelo jornal *Le Monde Diplomatique*, onde ressalta suas percepções, e, em seu texto, Liliane discorre acerca da problemática que envolve essa questão e, principalmente, a respeito de seu papel expressivo na sociedade pós-moderna, ela cita que a solidão da mulher negra paira “para além de uma vivência nas relações amorosas, mas sim uma vivência de exclusão em sociedade, um não lugar, seja junto a mulheres brancas, a homens negros e assim por diante”. Pode-se assimilar que, esse tópico não fica restrito apenas em

relações amorosas e/ou românticas, mas em situações onde envolvem o coletivo e o individual.

Por isso, é relevante trazer alguns pontos que atravessam essa realidade, pois, pode ser entendido que, dentro da sociedade contemporânea, o papel da mulher negra ainda sofre um extremo processo de marginalização. Entendendo que, essa solidão que se refere à, “uma experiência marcada por exclusão, marginalização e invisibilidade, decorrente da intersecção de gênero, raça e outras formas de opressão” (Macário, 2023, p. 16). Ao dialogar com Tota, é perceptível sua força não só por ser forte, de forma inata, mas por ter essa força ter sido passada por gerações. Porém, ao tratar desse ponto, também deve-se entender o peso que se é e que se tem de assumir uma posição de liderança e, seguir com esse processo mesmo quando existem problemáticas no caminho, sejam elas, relacionadas à questões políticas e coletivas, e, também, questões próprias da pessoa, é válido pensar no clássico questionamento, “quem cuida de quem cuida?”.

Ao caminhar pela comunidade, foram apresentados alguns lugares em comum que fazem parte do cotidiano dos indivíduos. Entre eles, a praça, que foi obra da prefeitura (Figura 2).



Fig 2. Praça reformulada pela prefeitura da cidade.

Também foi apresentada a parte da comunidade em que fica uma ‘bica’, que possui grande memória afetiva da comunidade. Tota demonstra apego ao território e à essa parte, mesmo que a comunidade não tenha, legalmente, demarcação de terra dessa parte da área (Figura 3).



Figura 3. ‘Bica’ dos três desejos.

Como trata Raíssa Félix em seu livro “Volta miúda: quilombo, memória e emancipação” (2020), existe uma conjuntura de dificuldades que envolvem as comunidades quilombolas e uma delas bastante presente é a falta de documentação de propriedades de terras que eram pertencidas às seus ancestrais que viviam por meio da tradição oral. Ela ainda ressalta que “até hoje vivem em ameaça permanente e muitos já perderam suas terras e territórios por falta de documentos escritos” (Félix, 2020, p. 18). No caso da comunidade referida neste projeto, existem territórios afetivos que pertencem a outras pessoas que não fazem parte da comunidade, entendendo que o processo mercadológico colonialista influencia diretamente nos processos culturais, afetivos e que permeiam a memória de um espaço como um quilombo.

Além da questão do conhecimento territorial, na segunda visita à comunidade quilombola, a intervenção feita partiu de uma concepção acerca de metas e sonhos que as pessoas da comunidade poderiam vir a ter. Foi um convite para reflexão com algumas perguntas como “o que você sonha?” e/ou “o que almeja?”, que foram escritas em um papel recortado em formato de ‘pote’, como um ‘pote dos sonhos’.

Diante da composição do racismo, existe o racismo de Estado, que se

“apresenta-se como um conjunto de discursos e práticas constituintes da sociedade e de suas instituições. Expressa-se como estratégia biopolítica por meio de técnicas de controle, gerenciamento e assujeitamento das populações a partir de um amplo diagrama de poderes firmado pelo poder médico que incide sobre a saúde dos grupos sociais, pelo poder purificador da raça, pelo dispositivo da sexualidade, dispositivo de segurança e governo econômico” (Macedo et al. apud Farhi Neto, 2021, p. 8).

Nessa conjuntura, é considerável salientar como a falta de políticas públicas é diretamente marcada na dimensão das comunidades quilombolas, por meio da intervenção citada acima, pode-se perceber uma quebra no processo do que se é sonhado e no que pode ser concretizado,

como se muitos desses sonhos não pudessem acontecer da forma como se espera, o que é compreensível visto o processo de marginalização social que engloba a comunidade referida.

Também foram fotografadas pelos alunos partes do território apresentado, com suas próprias visões e percepções visuais (Figura 4 e 5).

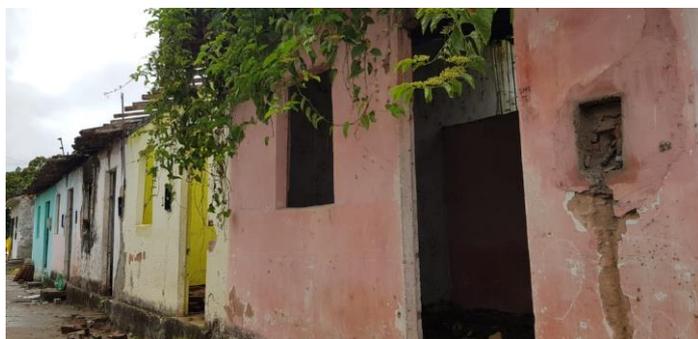


Figura 4. Casas de pessoas da comunidade que estão aguardando reforma.



Figura 5. Planta com valor medicinal.

CONCLUSÃO

Diante do desenvolvimento do projeto de extensão, podem ser feitas algumas considerações. A primeira delas se baseia no entendimento do racismo como dispositivo opressor às comunidades quilombolas. Já que

“A violência contra os quilombos do Brasil tem em sua estrutura o racismo. Um elemento estruturante das relações de poder, o racismo é parte da formação histórica do país. Neste processo, os quilombos configuram-se como símbolos da resistência e da insurgência negra, na sua origem, fundados como estratégia de enfrentamento ao sistema escravocrata, que perdura em sua essência até os dias atuais. Assim, a sociedade escravista jamais aceitou o fenômeno do quilombo. Procurou e procura de todas as formas destruí-lo” (Silva, 2019).

Deve-se, nessa conjuntura, entender a sociedade atual como ainda sendo extremamente colonialista. Com muitos pensamentos retrógrados e preconceituosos por grande parte dos

indivíduos. Além disso, quando se trata do combate ao racismo, o sujeito não deve só não ser racista, mas sim, antirracista, usando sua própria voz e lugar para os que, muitas vezes, não estão presentes ou não podem.

Portanto, é possível constatar que o diálogo entre o meio acadêmico e a comunidade quilombola vai além de estudos com termos e frases coloquiais, mas, principalmente, que se trata de uma pessoa ao tocar outra, de troca de conversas, diálogos, conhecimentos, palavras, gestos e afetos.

Como foi cantado por Zé Manoel e Luedji Luna, na música ‘Não Negue Ternura’, “Nosso corpo é que guarda, tanta coisa a falar/ O que tua boca cala/ Meu coração escuta e dita em silêncio”. Com propósitos distintos, vidas se encontram e se conhecem e, ao conhecer, mesmo que minimamente, sabe-se que não há outra forma de voltar a ser o que se é: a partir de agora, sempre será marcado por aquele encontro, por aquela vida, e, por tudo.

REFERÊNCIAS

SILVA, A. R. F. DA. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA COMUNIDADES QUILOMBOLAS: uma luta em construção. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO**, v. 1, n. 48, p. 115, 2018.

RACIAL, B.-F. P. E. **O encontro da psicologia com os saberes e práticas de cuidado das comunidades quilombolas**. Disponível em: <<https://baoba.org.br/o-encontro-da-psicologia-com-os-saberes-e-praticas-de-cuidado-das-comunidades-quilombolas/>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

DE PROPOSTAS DE, E. M. C. I. Q. C. P. F. **Manual Dinâmico para Elaboração de Proposta de**. Disponível em: <<https://www.registro.unesp.br/Home/extensao/projetosvigentes/manualdinamicoproex2017.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

XAVIER, P. M. A.; FLÔR, C. C. C. SABERES POPULARES E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA NA ÁREA DE ENSINO DE CIÊNCIAS. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, n. 2, p. 308–328, 2015.

BORGHI, I. S. M.; PORTO, K. S. A importância dos saberes acadêmicos e dos saberes populares na formação de educadores da educação do campo. **Acta Scientiarum Education**, v. 41, n. 1, p. 40063, 2019.

ROCHA, Liliane. **A solidão da mulher negra é sobre pertencimento e identidade**. Le Monde Diplomatique Brasil, , 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-solidao-da-mulher-negra-e-sobre-pertencimento-e-identidade/>>. Acesso em: 20 nov. 2023

FÉLIX, Raíssa. **Volta Miúda: quilombo, memória e emancipação**. 1ª ed. SciELO - Editus, 1º de Janeiro de 2020.

MACÁRIO, Arielly Silva. **Solidão da mulher negra e a negação das afetividades como herança do período escravocrata**. 2023. 33 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2023.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade* [online], n. 10, p. 129-136, dez. 2003. [Acessado], Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2002000100008>. Acesso em: 4 mar 2022.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2016.

DE PAULA, E. M. A. T.; MACHADO, É. R. **A Pedagogia Social na Educação: análise de perspectivas de formação e atuação dos educadores sociais no Brasil**. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n2/05.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PINTO, F. E. M. A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. **Psicologia - Teoria e Prática**, v. 7, n. 1, p. 35-50, 2005.

MACEDO, J. P. et al. Condições de vida, acesso às políticas e racismo institucional em comunidades quilombolas. **Gerais**, v. 14, n. 1, p. 1-28, 2021.

ZÉ MANOEL E LUEDJI LUNA. **Não Negue Ternura**. Salvador: Maré Produções: 2022. 5:13.

O racismo e as comunidades quilombolas. Disponível em: <<https://fase.org.br/pt/artigos/o-racismo-e-as-comunidades-quilombolas/>>. Acesso em: 21 nov. 2023.